

A prática vegetariana e os seus argumentos legitimadores: viés religioso

Beatriz Bresighello Beig¹
Mestre em Pedagogia da Motricidade Humana
UNESP – Rio Claro

Resumo

Podemos dizer que a alimentação é uma junção entre o natural – sobrevivência – e o cultural – encarregado, este, de ditar todo o resto. Apesar da internacionalização da indústria alimentícia as religiões podem ditar o que se deve comer e o que não se deve. Nesse conjunto de interditos e modos de se alimentar inclui-se o vegetarianismo, que vem atraindo contingentes populacionais significativos na contemporaneidade. Nesse sentido, este artigo trata dos argumentos religiosos como legitimadores da prática vegetariana encontrados em minha dissertação de Mestrado intitulada: A prática vegetariana em Rio Claro: corpo, espírito e natureza. Os dados foram coletados através de fontes primárias e secundárias. Foi possível constatar nas fontes primárias que os argumentos religiosos legitimam a prática vegetariana. Quando a prática do vegetarianismo não diz respeito a obrigações religiosas como foi o caso dos Adventistas do Sétimo Dia e do Espírita-cristão, ela parece caracterizar a emergência de participantes dos novos movimentos religiosos.

Palavras-chave: Interditos religiosos, vegetarianismos, alimentação

Abstract

We can say that the feeding is a junction between natural - survival - and cultural - in charge one, this, to dictate the remaining portion all. Although the internationalization of the nourishing industry the religions can dictate what if it must eat and what not if must. In this set of interdicts and ways of if feeding the vegetarianism is included, that comes attracting contingent population significant in the present time. In this direction, this article deals with the religious arguments as found legislators of the practical vegetarian in my research intitled: The practical vegetarian in Rio Claro: body, spirit and nature. The data had been collected through primary and secondary sources. It was possible to evidence in the primary sources that the religious arguments legitimize the practical vegetarian When the practical one of the vegetarianism does not say respect the religious obligations as it was the case of the Adventistas of the Seventh Day and the Espírita, it seems to characterize the emergency of participants of the new religious movements.

Key Words: Religious interdicts, feeding, vegetarianism

Introdução

Quando pensamos sobre o comportamento alimentar humano, temos que levar em consideração que nenhum outro comportamento não automático se liga de modo tão próximo à sobrevivência. Talvez a abundância de alimentos na maioria das regiões do Mundo, hoje, rotinize essa questão de comer para sobreviver e a apresente como algo inconsciente, o que torna o ato de se alimentar algo naturalizado culturalmente. Podemos

¹ Este artigo trata dos argumentos religiosos como legitimadores da prática vegetariana encontrados em minha dissertação de Mestrado intitulada: A prática vegetariana em Rio Claro: corpo, espírito e natureza defendida em Novembro de 2008 na Unesp – Campus Rio Claro.

dizer que a alimentação é uma junção entre o natural – sobrevivência – e o cultural – encarregado, este, de ditar todo o resto.

Alimentar-se de determinados alimentos e não de outros é uma questão que pode estar além da geografia dos alimentos que cada região dispõe. Apesar da internacionalização da indústria alimentícia, culturas diferentes, religiões e estilos de vida podem ditar o que se deve comer e o que não se deve.

Nesse conjunto de interditos e modos de se alimentar inclui-se o vegetarianismo, que vem atraindo contingentes populacionais significativos na contemporaneidade. A história da prática do vegetarianismo e até mesmo a sua expansão carregam pesos religiosos. Tanto na história, quanto na criação do vegetarianismo, a presença das religiões foi determinante e essa íntima relação talvez se explique se pensarmos que o que comemos “entra” em nós, é incorporado, o que faz com que a purificação do corpo e conseqüentemente da alma, esteja relacionada com a alimentação. A presença religiosa se dá mesmo quando os interditos religiosos sejam decorrentes da não-violência com outros seres vivos. Podemos dizer, então, que o alimento que se ingere carrega consigo pesos morais e éticos, que quando consumidos estarão presentes na nossa “carne”, e então, dependendo da alimentação adotada, nos tornaremos puros ou impuros; morais ou imorais, tanto no corpo quanto no espírito.

Na contemporaneidade, os motivos que levam uma pessoa se tornar vegetariana podem ser inúmeros como os de ordem científica, ambiental e religiosa, de forma que o vegetarianismo apresenta muitas faces nas suas justificativas e legitimações.

Nesse sentido, este artigo trata dos argumentos religiosos como legitimadores da prática vegetariana encontrados em minha dissertação de Mestrado intitulada: A prática vegetariana em Rio Claro: corpo, espírito e natureza. Os dados foram coletados através de fontes primárias e secundárias. As fontes primárias foram compostas por entrevista, aplicação de questionário acerca de questões sócio-culturais e a análise da literatura vegetariana. Essa literatura vegetariana foi constituída por livros e artigos que tratam do vegetarianismo, bem como de livros que contém preceitos de algumas religiões. As fontes secundárias utilizadas neste estudo referiram-se às obras históricas, sociológicas e antropológicas acerca da alimentação, religiões, corporeidades e do vegetarianismo.

Religiões, interditos alimentares e vegetarianismo

A identidade religiosa pode ser considerada, muitas vezes, uma identidade alimentar. A própria origem da explicação judaica cristã para a queda de Adão e Eva é a sua rebeldia em seguir um preceito religioso, não comer do fruto proibido. A alimentação parece ter uma relação muito íntima com a religião, de maneira que falar em uma automaticamente faz brotar relações com a outra.

No ideal religioso ascético o jejum e a abstinência de comida apresentam-se como contexto amplo. A ascese na acepção mais comum é o conjunto dos esforços mediante os quais se deseja progredir na vida moral e religiosa. Podemos distinguir uma tradição dualista da ascese-purificação e uma tradição que é chamada de realista da ascese como volta à natureza. Para a primeira trata-se de libertar a inteligência das sensações corporais confusas, que remete a idéia de corpo como túmulo da alma. A segunda tradição preconiza a pobreza, a dureza física e a frugalidade alimentar para levar a alma a auto suficiência e à felicidade (HIGHET, 2005).

Douglas (s/d) acredita que a noção do que é poluído ou puro apenas faz sentido no contexto de uma estrutura total do pensamento, onde as margens, os limites e os movimentos internos estão ligados uns aos outros pelos ritos de separação. Como ilustração desta tese ela refere-se às abominações do Levítico, em particular as restrições alimentares, como um enigma que ainda desconcerta estudiosos da Bíblia. Cita então duas vertentes: uma que considera tais regras desprovidas de significação e arbitrárias porque são disciplinares e não doutriniais; e uma segunda que trata das questões das virtudes e dos vícios. Interessante a explicação de um Bispo em nota ao versículo 3 do Levítico:

As patas fendidas e a ruminção simbolizam a distinção entre o bem ao mau e a meditação na lei de Deus; onde uma destas faltar, o homem esta impuro. De maneira semelhante, os peixes sem barbatanas e escamas eram considerados impuros: são as almas que não se elevaram pela oração e que não estão revestidas com as escamas da virtude. (DOUGLAS, s/d, p. 64)

Schwantes (2005) lembra que no Gênesis aparece uma compreensão positiva do sacrifício de aves e animais, que se apresenta após o dilúvio. Porém, a inclusão da carne na alimentação dos homens é colocada como apavorante para os animais (capítulo IX): *“Pavor e medo de vós virão sobre todos os animais da Terra”*. Esta imensa brutalidade que implica o uso de animais para a alimentação é marcada cotidianamente pela violência e pela

brutalização, realizada e encenada no seu próprio prato. O alimento com sangue também não deve ser comido. Isso acontece, pois o sangue que condensa a vida seria a expressão da alma.

Um grupo religioso, agora na modernidade e no âmbito do cristianismo, são os Adventistas do Sétimo Dia. Os Adventistas do Sétimo Dia fazem recomendações chamadas de Reforma da Saúde desde de 1863, o que inclui, além das diversas restrições alimentares, cuidados com a higiene e uso de medicamentos. Embora o vegetarianismo seja intensamente recomendado, ele não faz parte da condição mínima para que a pessoa se torne membro da Igreja. Para os Adventistas do sétimo Dia, o pecado original seria a Gula; e sendo assim, o caminho da salvação envolve a negação dos prazeres do apetite, associando isso com o “pecado da Eva”. A carne estaria entre os principais inimigos do Adventista segundo o discurso da visionária da religião Ellen White. Ela descreve a carne como portadora de poderes morais. E nessa mesma linha ela faz uma relação entre o abandono da carne e a salvação. Mesmo o uso seletivo da carne descrita como puras ou impuras no Levítico não constitui um ideal a ser observado. A idéia era que o vegetarianismo era bíblico e que as proibições de animais impuros teria relação com a saúde. Ela reforça, porém, a necessidade de se abster de toda a carne (SCHUNEMANN, 2005).

O budismo adota um princípio ético-religioso que se aproxima do comportamento vegetariano que é chamado *ahimsa* e que consiste na rejeição constante da violência e no respeito absoluto de toda forma de vida. No ocidente a sua notoriedade deve-se à prática da *ahimsa* na conduta coerente de Mahatma Gandhi. Para Van (2005), a real não-violência, o Ahimsa, é uma ação amadurecida. Não é possível ser pacífico sem conhecer profundamente as raízes do sofrimento perceptivo, reconhecer e tocar em si mesmo os próprios ódios, medos e frustrações – e efetivamente superá-los, libertando a mente. Acredita, portanto, que a postura pacífica construtiva não deriva de uma visão romântica ou passional do mundo.

As religiões afro-brasileiras também possuem os seus interditos alimentares. A utilização do gado bovino era na África destinado às práticas religiosas, sacrifícios, multas e dotes. E como descreve Cascudo (2004), existia o “complexo mágico de Boi”, onde o gado criado era para cerimônias, e eventualmente, quando consumido, era com respeitoso recato, como restos da fome dos deuses repletos.

Os jainistas talvez sejam mais radicais dentre os grupos religiosos vegetarianos. O jainismo é uma das religiões mais antigas da Índia, vista durante algum tempo pelos investigadores ocidentais como seita do Hinduismo ou heresia do Budismo. O jainismo, contudo é um fenômeno original que possui em comum com as duas religiões a crença no karma. Wilkinson (2001), afirma que o modo de vida dos jainistas é dominado pela necessidade de atingir uma reencarnação favorável, ou melhor ainda, a libertação completa do ciclo de reencarnações. Eles obedecem a uma série de votos que determinam seu comportamento, sendo um deles a não violência.

Motivos religiosos podem aparecer também vinculados aos ambientais. A relação homem – natureza se promulga de muitas formas dentro das religiões e algumas dessas formas podem vir expressas através dos novos movimentos religiosos.

O conceito de novos movimentos religiosos surgiu nos EUA, nos anos 70 quando especialistas em estudos religiosos e em sociologia da religião passaram a apontar sua atenção para um grupo de movimentos controversos, que na época eram chamados de “cultos”, tais como Hare Krishna, Meditação transcendental e a Cientologia. É interessante observar que apesar das diferenças dos grupos, foi possível reuni-los, por contraste ao passado e pela simultaneidade de seu aparecimento e a dinâmica comum de seu desenvolvimento, em noções como o despertar e a nova consciência religiosa (TAVARES, 2000).

Há um novo movimento descrito por Soares (1994) chamado de nova consciência religiosa, que surge de uma espécie de angustia moral provocada pelos problemas alarmantes da sociedade que não foram resolvidos, o cinismo da corrupção, e, sobretudo pelo despreço pelos valores mais elementares da vida humana. Acontece uma espécie de *revival* do interesse intelectual, existencial e político pela ética, ou uma procura de investigações e experimentações individuais através de terapias, disciplinas esotéricas ou práticas alternativas.

Uma nova atitude alimentar como a eliminação de certos alimentos (sobretudo os industrializados, a carne vermelha e, por vezes, toda proteína de origem animal), a conversão à cozinha vegetariana ou à macrobiótica, o aprendizado da culinária, a freqüência a restaurantes vegetarianos seriam um sinal de modificação do comportamento do movimento Nova Era. (MALUF, 2005)

Os vegetarianos por eles mesmos: argumentos religiosos como legitimadores da prática

A opção vegetariana possui os seus seguidores e os seus defensores, que constroem e se utilizam de uma bibliografia que chamamos de literatura vegetariana. Essa literatura sustenta os discursos e os argumentos legitimadores, como foi possível perceber nas entrevistas realizadas para a dissertação.

A religião que está presente na literatura vegetariana traz como peculiaridade o fato de contemplar não só escritos sobre a questão vegetariana, mas também os que contêm os ensinamentos e dogmas respectivos de algumas religiões.

Bontempo (2006), médico, com formação em homeopatia, medicina ortomolecular, nutrição e saúde pública, é membro de diversas entidades médicas, ambientais, vegetarianas e de proteção animal e afirma que o consumo de carne é ainda um tema pouco comentado pelos grupos religiosos cristãos apesar da importância de se definir se a carne deve ou não estar presente na alimentação do seguidor. Segundo ele passagens bíblicas são escolhidas com o propósito de justificar o consumo. Para ele a interpretação bíblica pode ser usada de maneira a alcançar o que se deseja. Acredita que se realizada uma análise mais apurada e honesta das Escrituras chegar-se-ia a conclusão de que a alimentação vegetariana seria a dieta própria do cristão verdadeiro. Argumenta que se feito um estudo atento dos manuscritos originais gregos se constata que a maioria das palavras traduzidas como carne, seriam na verdade *trophe*, *bromie* e outros que na verdade querem dizer alimento ou comida. E traz um exemplo, que está no Evangelho de Lucas (8:55) onde Jesus levanta uma mulher do meio dos mortos e ordena que lhe dêem carne. A palavra trazida do grego para carne neste caso é *phago*, que significa apenas comer. Jesus então teria dito deixe-a comer. A palavra carne em grego é *kreas*, palavra que nunca teria sido usada por Jesus Cristo.

Greif (2005), biólogo e vegetariano desde criança, se dedica a pesquisar e divulgar o vegetarianismo e a antiviviseção acredita que a Bíblia preconiza o vegetarianismo, e faz uma releitura sobre a presença dos preceitos bíblicos que trazem o consumo de carne e os animais. Argumenta que em Gênesis 1:29 e 1:30 se encontra a primeira lei dietética estabelecida por Deus para o homem e para os outros animais:

/E disse Deus: Eis que vos tenho dado todas as ervas que dão sementes e se acham na superfície de toda a terra, e todas as árvores em que há frutos que dá semente; isso vos será por alimento/.E a todos os animais da terra, e a todas as aves dos céus, e a todos os répteis da terra, em que há fôlego de vida, toda erva verde lhes será para mantimento.(GREIF, 2005, p. 1)

Para Greif, estes versículos demonstram que não seria a intenção original de Deus, pelo menos segundo o livro de Gênesis, que o homem matasse animais para comer. Sendo a dieta vegan consistente com o plano original de Deus.

Sobre isso Blix (1992) afirma que os Judeus chegaram a considerar a abstinência de carne como uma depravação, frequentemente associada como símbolo de pesar e tristeza. O filósofo judeu do século I, Philo, dizia que Deus havia proibido o uso da carne de porco e mariscos porque essas eram as carnes mais saborosas. Ele disse que esse era o meio pelo qual Deus restringia os desejos e os prazeres do corpo.

A classificação dos animais em autorizados e proibidos originou dois capítulos da Bíblia, o Levítico 1 e o Deuteronômio 14. Moisés é quem apresenta essas distinções como parte da revelação que o Senhor lhe fez no Sinai. Os critérios para classificar os animais em sua maioria dizem respeito as suas formas de locomoção. A relação entre os animais e seu meio é muito importante, pois a Bíblia considera que Deus criou os animais a partir do seu habitat de maneira que eles não devem ser híbridos para ser puros. No Levítico constam os animais que seriam puros ou impuros para o consumo, como apresentado : “7. e o porco, porque tem a unha fendida, de sorte que se divide em duas, mas não ruma, esse vos será imundo. 8. Da sua carne não comereis, nem tocareis nos seus cadáveres; esses vos sereis imundo.” (BÍBLIA, 1959, p. 112)

Segundo White, a visionária dos Adventistas do Sétimo Dia, Deus deu aos nossos primeiros pais o alimento que pretendia que a raça humana comesse. Deus não deu ao homem permissão para comer alimento animal, senão depois do dilúvio, onde fora destruído tudo o que pudesse servir para a subsistência do homem. Diante desta situação o Senhor deu a Noé a permissão para comer animais limpos que levava consigo na arca. O dilúvio foi a terceira e mais terrível maldição que Deus deu a terra, pois os habitantes do Velho Mundo eram intemperantes no comer e beber. Queriam o alimento cárneo mesmo quando Deus não permitia, e então se tornaram violentos e ferozes. Deus, cansado com esse comportamento humano, purificou a terra de sua poluição moral com o dilúvio. Apesar da condição vegetariana não ser algo exigido pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, a

exigência para a adesão ao vegetarianismo é grande como podemos observar no escrito de Ellen White: “Muitos que são agora só meio convertidos quanto à questão de comer a carne, sairão do povo de Deus para não mais andar com ele.” (WHITE, p. 383) E também: “Entre os que estão aguardando a vinda do Senhor, o comer carne será abandonado, a carne deixará de ser parte de sua alimentação. (WHITE, p. 380)

Encontram-se, também, nos escritos da visionária da Igreja algumas passagens sobre a compaixão aos animais, o que remete as questões ambientais e religiosas:

Pensai na crueldade que o regime cárneo envolve para com os animais, e seus efeitos sobre os que a afligem e nos que a observam. Como isso destrói a ternura com que devemos considerar as criaturas de Deus. [...] O uso comum de carne de animais mortos tem tido influência deteriorante sobre a moral. (WHITE, p. 383)

Ellen, em suas visões, apontou com clareza a conexão entre o alimento que ingerimos e o nosso bem estar físico e também espiritual. Ela defende uma Reforma da Saúde que envolve além da alimentação outros aspectos. Um dos capítulos do livro trata do Regime e Espiritualidade. Onde destaco:

47. Ninguém que professe piedade considere com indiferença a saúde do corpo, iludindo-se com o pensamento de que a intemperança não é pecado e não afeta a espiritualidade. Existe íntima correspondência entre a natureza física e a natureza moral.[...] 52. O apóstolo compreendia a importância das condições saudáveis do corpo para a bem sucedida perfeição do caráter cristão. “Os que são de cristo crucificaram a carne com os seus vícios”. (WHITE, p. 43)

Outra fonte de legitimação encontra-se no Budismo. Segundo Osho (2006), um místico indiano, que viveu entre 1931 e 1990, se iluminando (termo budista que designa aquele que descobriu a verdade absoluta), Buda teria dito aos seus discípulos para não comerem carne, não apenas como uma questão de reverência à vida. Também é uma questão de que, se você não estiver repleto de reverência à vida, seu coração se tornará enrijecido; seu amor se tornará falso, sua compaixão será apenas uma palavra. A preocupação de Mahavira e de Gautama Buda era a de que o ser humano não deveria comer apenas para viver; ele deveria comer para crescer em uma consciência mais pura. Um comedor de carne permanece inconsciente, acorrentado à terra; ele não pode voar pelo céu da consciência. As duas coisas não podem coexistir: você estar se tornando mais e mais

consciente e não estar nem mesmo consciente do que está fazendo, e apenas para satisfazer o paladar, o que é impossível sem matar. Você pode se alimentar de comidas vegetarianas deliciosas; então, comer carne é absolutamente desnecessário, um hábito apodrecido do passado. Osho reuniu seguidores pelos lugares onde passava formando uma nova religião em seu nome, tornando-se então um mestre com profundo conhecimento da filosofia oriental e ocidental.

Um artigo presente no site <www.vegetarianismos.com.br> traz a tradução e adaptação do artigo "Islam and Vegetarianism" da webpage <www.islamveg.com> que conta acerca da relação entre o Islamismo e a prática vegetariana. De acordo com a tradução, os muçulmanos acreditam que o consumo de carne, laticínios e ovos é conflitante com os ensinamentos islâmicos de bondade para com os animais. E não apenas isso, pois as indústrias de exploração animal são responsáveis pela poluição e destruição ambiental, e também contribuem para o aparecimento de diversas doenças fatais nos humanos. No Corão, segundo o artigo, fica claro o respeito pela vida dos animais: "Não existe ser algum que ande sobre a terra, nem ave que voe, que não faça parte de uma nação assim como você. Nada omitimos do Livro, e todos serão congregados ante seu Senhor."(ISLÃ, 2007, p. 01)

Na obra básica sobre a qual se baseiam os princípios doutrinários do Espiritismo, com o título *O livro dos espíritos*, temos o assunto abordado com bastante clareza, nas questões 723 e 724, onde Kardec pergunta e os Espíritos respondem:

A alimentação animal é, com relação ao homem, contrária à lei da Natureza? "Dada a vossa constituição física, a carne alimenta a carne, do contrário o homem perece. A lei de conservação lhe prescreve, como um dever, que mantenha suas forças e sua saúde, para cumprir a lei do trabalho. Ele, pois, tem que se alimentar conforme o reclame a sua organização."(KARDEC, 2004, p. 428)

Para a minha dissertação de Mestrado foram entrevistadas 16 pessoas de opção alimentar vegetariana, que serão apresentadas durante este artigo por nomes fictícios. Após o décimo sexto participante considerou-se que as entrevistas apresentaram saturação das informações solicitadas com vistas a verificação da hipótese, constituindo-se, portanto, em um *corpus*.

Entre os dados sócio-culturais presentes no questionário (respondido pelos participantes antes da entrevista) o mais significativo foi a religião. Dentre os 16 entrevistados apenas 4 se dizem seguidores de religiões próprias da tradição cultural brasileira, contemplando 3 adventistas do sétimo dia e 1 espírita-cristão. Os demais se consideram sem religião, agnóstico, livre pensador ou não responderam a este item. Pela ausência de compromisso institucional, acreditamos que estes podem se encaixar então, nas várias expressões dos novos movimentos religiosos.

Os Adventistas entrevistados trazem regularidades em suas falas e em vários momentos referem-se aos escritos da visionária Ellen G. White (1946), presentes no livro intitulado: *Conselhos sobre o regime alimentar*, que compila vários escritos da visionária e trata especificamente da questão alimentar. Os adventistas acreditam em uma reforma da saúde que só seria possível com a mudança do hábito alimentício. A saúde e o corpo são muito importantes, de maneira que é preciso estar bem fisicamente para conseguir fazer o bem, e servir a Deus.

A confirmação do preceito de Ellen de que a carne não faz parte do regime que Deus deixou para o homem e seu consumo seria facilitador de doenças, está presente no discurso dos nossos entrevistados adventistas. Retratam o que Schunemann (2005) afirma que, para os adventistas um cérebro enfermo seria um obstáculo para a comunicação das verdades religiosas, sendo a carne possuidora de poderes morais, de maneira que esse regime não foi deixado pelo Criador.

Todos os preceitos de Ellen White se mostram presentes nas declarações dos entrevistados seguidores da religião, como o discurso sobre o regime original já citado anteriormente, a questão da dificuldade de trabalho cerebral quando do consumo de carne e até mesmo a questão da crueldade para com os outros seres e nesse caso para com os animais. As falas ilustram:

Areta: Então é o que eu já falei para você, olha, quando Deus criou o mundo ele deu as plantas, as ervas, para que o homem se alimentasse dela.

Célio: Então, eu aprendi na minha religião, né? Aprendi na Bíblia que Deus não deixou esse regime pra gente. Que no começo do mundo né, não era assim, então pra gente ter saúde melhor a gente não deve comer carne.

O espiritismo também possui a sua relação com o consumo de carne. O entrevistado espírita afirma que a carne traria consigo energias de matança e de horror, que é passado para o animal na hora de sua morte. Essas energias impregnadas na carne, a tornariam impura e poluiriam o corpo e o sangue. Além disso, o entrevistado espírita considera que o homem já possui um instinto animalesco e violento que seria então facilitado e viria à tona com a presença da energia da carne no organismo. O entrevistado espírita considera o consumo de carne como algo negativo, que traria somente malefícios, estes não só espirituais, mas também fisiológicos. Ele diz:

Igor: Nós sabemos que o animal quando ele é massacrado, ele sofre um processo, tipo o ódio do ser humano, é aquela energia que nós já nascemos com ela, assim do medo, ou da defesa, e aquilo fica impregnado na carne e isso provoca realmente situações assim, inusitadas na pessoa.

O dilúvio foi um episódio bíblico que apareceu em várias falas, independente da religião declarada pelo entrevistado. É caracterizado como uma resposta de Deus para limpar os pecados do mundo, uma purificação do mundo. Narram que quando acabou o dilúvio, e as águas baixaram Noé saiu da arca e que não havia mais alimentos vegetais, Deus, nessas condições, teria permitido que o homem comesse carne. A partir de então, como observado nas falas, o homem teria se viciado neste alimento.

Foi possível perceber a utilização de passagens bíblicas pelos entrevistados para alicerçar argumentos religiosos usados na legitimação da prática vegetariana. Dentre as citações estão partes do livro do Levítico e o Gênesis, que tratam das questões alimentares. A interpretação bíblica dos entrevistados se assimila com o que acreditam e descrevem Bontempo (2006) e Greif (2005). Utilizam as passagens como na fala:

Erick: Isso aí então tá tudo especificado no livro de Levítico, cap. 11. Então a gente segue o que esta preconizado na Bíblia. Porque é o seguinte se você ler o livro de Gênesis, no primeiro capítulo, vai estar especificado qual o melhor alimento do homem e ali não havia nada que envolvesse o alimento carne.

A argumentação religiosa também está presente na compaixão que os vegetarianos sentem pelos animais. Os discursos apresentam essa compaixão que parece provocar uma espécie de elevação espiritual. A compaixão diz respeito a tudo o que sofre: inclusive com os animais, o que a tornaria a mais universal de nossas virtudes. Através deste ato os entrevistados se consideram evoluídos e com facilidade de transcendência e de evolução:

João: Você quer dormir tranqüilo, sabendo que não ta machucando ninguém, não está fazendo o mal para ninguém.

Como pudemos observar nos discursos a alimentação e a religião se mostram muito próximas, fato que expressaria a mediação da primeira para promover uma condição mais consciente e espiritualizada do vegetariano.

O jejum e a abstinência do alimento, que de qualquer forma tenha relação com o prazer alimentar também apresenta alusão à religiosidade. Com isso remetemos à questão do sacrifício, de maneira que este levaria a algum tipo de salvação ou de santificação. Seria, portanto, conseqüência da abstinência de carne, uma transcendentalização, ou seja, uma elevação espiritual e moral como descrita:

Mônica: A pessoa fica assim, vamos dizer, até com a compreensão da natureza, a compreensão de Deus, parece que é mais perto do real. Pelo menos os vegetarianos que eu conheço, tem um nível psicológico e espiritual mais elevado do que um carnívoro.

O Budismo foi outra religião citada. Uma entrevistada se utiliza de seus princípios para justificar os motivos de preocupação com os animais, e a não-violência com qualquer ser (*A ahimsa*, descrita por Van, 2005).

A concepção budista explicita as relações entre o consumo de animais e o budismo, onde o animal não dever ser morto para o consumo. Um outro aspecto levantado diz respeito a reencarnação. O budista acredita que poderia ter sido um animal em outra vida, ou ser um animal numa próxima vida. Esse conceito faz com que tenha respeito pelo animal que pode, por exemplo, ser um ente familiar que reencarnou como animal. (OSHO, 2006)
Como ilustra:

Helena: Fiz um contato com o Budismo que fez com que eu me decidisse assim, a parar de comer carne. Eu trabalhava com mergulho e comia peixe. E ai pensava assim: mergulho com os bichinhos ali, depois eu saio da água e ponho eles no meu prato.

Considerações finais

Aproximar motivos e preceitos religiosos à prática faz com que menos argumentos contrários consigam ser trazidos a tona, o que se dá pelo caráter religioso, que faz explicações por meio de “verdades”.

Quando a prática do vegetarianismo não diz respeito a obrigações religiosas como foi o caso dos Adventistas do Sétimo Dia e do Espírita-cristão, ela parece caracterizar, baseado nas legitimações ambientalistas, científicas relacionadas à saúde e religiosas, como já foi mencionado, a emergência de participantes dos novos movimentos religiosos. Isto pode ser percebido em diversos tópicos do meu estudo. A concepção de saúde que o vegetariano tem é global, é integradora pois as práticas de saúde vão contra a perspectiva da medicina tradicional e buscam conhecimentos vindos do oriente, ou práticas que remetem a aproximação com a natureza. A atividade física dos vegetarianos também pode ser caracterizada como alternativa, como o yoga e o tai-chi, que são práticas orientais.

A aproximação que têm com a natureza, com os animais e a maneira com que se vêm em relação à responsabilidade de preservação ambiental também seria uma característica desses novos movimentos religiosos. O pacifismo, a compaixão e a questão ética e de consciência tranqüila estão presentes no discurso vegetariano.

Todas essas práticas alternativas e sensações em relação à natureza parecem indicar características desses novos movimentos, qualquer que seja o nome que possuam: Orientalização do Ocidente, Nova Era, Nova Consciência Religiosa. Talvez pela miscelânea de idéias que o vegetarianismo possui, característica também do holismo e da pós-modernidade, usarei o termo tão bem colocado por Champion (2001) de *nebulosa mística esotérica*, caracterizada como a experiência onde todos são verdadeiros quando ultrapassam suas formas exteriores, esclerosadas, sociais; os praticantes são animados por um projeto de transformação pessoal mediante técnicas psico-corporais (no caso a interdição alimentar e as práticas médicas e de atividade física alternativas); e a última característica é a adoção de uma concepção monista de toda a realidade, ou seja, recusam o postulado dualista das religiões, a separação entre o humano e o divino, a separação do mundo natural e sobrenatural. Essas características parecem resumir o estilo de vida vegetariano e confirmam a proximidade da prática com religião e espiritualidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES SECUNDÁRIAS

CASCUDO. L. C. **História da Alimentação no Brasil**. São Paulo: Global, 2004

CHAMPION, F. Constituição e transformação da aliança ciência e religião na nebulosa místico-esotérica. **Religião e Sociedade**: v. 18, n. 01, Rio de Janeiro, agosto, p. 25-43, 1997.

DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**: ensaio sobre as noções de poluição e tabu /Mary Douglas ; tradução de Sonia Pereira da Silva. Rio de Janeiro : 70, 1991.

HIGHET, E. A. Não comer e não beber como opção da espiritualidade religiosa: jejum e abstinência nas religiões. **Revista Semestral de Estudos e Pesquisas em Religião**, São Bernardo do Campo - S. P., ano XIX, n. 28, p.106-127, 28 jun. 2005.

SCHWANTES, M. No banquete das origens:: comida e bebida em narrações bíblicas. **Revista Semestral de Estudos e Pesquisas em Religião**, São Bernardo do Campo - S. P., ano XIX, n. 28, p.29-45, 28 jun. 2005.

SHUNEMANN, H. E. S. Alimentação e salvação: o papel dos interditos alimentares na Igreja Adventista do Sétimo Dia. **Revista Religião e Cultura**. Vol, IV, n. 7, jan-jun 2005.

SOARES, L. E. Religioso por natureza: cultura alternativa e misticismo ecológico no Brasil. In SOARES, L. E. **O rigor da indisciplina**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

TAVARES, F. R. G. O circuito “nova era”: heterogeneidade, fronteiras e resignificações locais. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 60-72, 2003.

WILKINSON, P. **O livro ilustrado das religiões**: o fascinante universo das crenças e doutrinas que acompanham o homem através dos tempos. 1. ed. São Paulo: Publifolha, 2001.

FONTES PRIMÁRIAS

BÍBLIA. **Antigo e Novo testamento**. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblia do Brasil, 1956. 309 p.

BLIX, G. História do vegetarianismo. **Revista Vibrant Life**, v.8, n.3. maio 1992.
Disponível em : <
<http://www.vegetarianismo.com.br/artigos/HistoriaDovegetarianismo.html>>. Acesso em 11 jun. 2006.

BONTEMPO, M. **Alimentação para um novo mundo**: a consciencia ao s alimentar como garantia para a saúde e o futuro. 2. ed. Rio de Janeiro - São Paulo: Record, 2006. 309 p.

GREIF, S. **A Bíblia preconiza o vegetarianismo**. 2005. Disponível em <
http://www.vegetarianismo.com.br/sitio/index.php?option=com_content&task=view&id=1123&Itemid=40> Acesso em: 15 dez. 2007

ISLÃ e vegetarianismo. Disponível em: <
http://www.vegetarianismo.com.br/sitio/index.php?option=com_content&task=view&id=361&Itemid=40> Acesso em: 29. mai. 2007

KARDEC, A. **Livro dos espíritos**: princípios da doutrina espírita. Rio de Janeiro: Federação espírita brasileira, 2004. 604 p. Disponível em:
<http://www.sociedadedigital.com.br/downloads/espirt/livro_espirtos_br.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2007.

LUIZ, A. psicografia de Xavier, F. C. **Missionários da luz**. Psicografia: Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, s/d.

OSHO, A. **Sobre o vegetarianismo**. 2006. Disponível em:
<http://www.vegetarianismo.com.br/sitio/index.php?option=com_content&task=view&id=1760&Itemid=40>. Acesso em: 16 ago. 2007.

SIMONETTI, R. **A carne**. Disponível em: <
<http://espiritismoonline.blogspot.com/2008/01/carne-richard-simonetti.html>> Acesso em :
12 fev. 2008.

SLYWITCH, E. **O que é ser vegetariano**. 2005. Disponível em: 15 mar< www.svb.org.br
>. Acesso em 15 mar. 2006.

SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA (Brasil) (Org.). **O que é ser vegetariano**: departamento de medicina e nutrição. Disponível em: <www.svb.org.br>. Acesso em: 10 dez. 2006.

WHITE, E. G. **Conselhos sobre o regime alimentar**. 2. ed. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1946. 508 p.